

As muitas máscaras de Euclides da Cunha

The many masks of Euclides da Cunha

MELO E SOUZA, Ronaldo. *A geopoética de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, 216 p.

Fernando Nicolazzi

f.nicolazzi@hotmail.com

Professor adjunto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Avenida Bento Gonçalves, 9500 – Agronomia

91501-970 – Porto Alegre – RS

Brasil

Palavras-chave

Euclides da Cunha; Estilo; Narrativas.

292 Keywords

Euclides da Cunha; Style; Narratives.

Enviado em: 1/5/2012

Aprovado em: 3/6/2012

Foi Sílvio Romero quem sugeriu que Euclides da Cunha, na véspera do lançamento de *Os sertões*, deitou-se desconhecido para levantar-se na manhã seguinte como autor consagrado. Dormindo como ex-cadete rebelde e descontente com os desmandos da hierarquia militar, como curioso repórter que investigou e relatou as agruras do sertão baiano, como engenheiro dedicado trabalhando, dia seguinte após dia seguinte, na reconstrução de uma ponte em São José do Rio Pardo, acordava naquela manhã de dezembro de 1902 como escritor celebrado pela imponência de uma obra singular, cujos juízos, naquele mesmo momento, já se mostravam variados e em muitos casos contraditórios.

A fortuna crítica do autor só fez crescer, ao longo das décadas, a diversidade das perspectivas voltadas não apenas para os escritos sobre os confrontos ocorridos no arraial de Canudos, mas também sobre o conjunto da sua produção discursiva, seja o relato sobre a viagem amazônica, sejam os escritos de história ou crítica literária, seja mesmo o corpus documental formado pelas cartas trocadas com muitos e distintos correspondentes. Uma das questões que despontam com inquietante constância desde os primeiros comentários logo após a publicação da primeira edição até análises mais recentes é a do estatuto possível a ser conferido aos textos euclidianos, notadamente ao seu livro mais conhecido, *Os sertões*. Trata-se de obra de ciência ou de arte, realidade ou ficção, literatura ou história? Um número considerável de estudos já foi publicado sobre a questão e seria despropositado elencar os títulos para corroborar a assertiva.

O livro de Ronaldo de Melo e Souza, *A geopoética de Euclides da Cunha* insere-se no debate apresentando ao leitor, logo nas primeiras linhas, a tese que pretende sustentar: a de que Euclides da Cunha, escrevendo *Os sertões* e *Um paraíso perdido*, notabilizou-se como “um dos maiores poetas da prosa de ficção no vasto domínio da literatura ocidental” (MELO E SOUZA 2009, p. 7). Para o autor, Euclides oferece uma perspectiva intelectual renovadora, talvez mesmo revolucionária, situada em uma dupla dimensão poética: “a primeira subage como princípio articulador da narrativa poética do sertão e da selva. A segunda se compagina nos vários escritos teóricos de Euclides da Cunha acerca da vinculação essencial do cientista e do artista” (MELO E SOUZA 2009, p. 7). É, então, a partir desta articulação entre a escrita euclidiana e suas reflexões sobre a própria condição desta escrita que Ronaldo de Melo e Souza enceta sua interpretação no intuito de desvendar as muitas máscaras das quais Euclides da Cunha se serve para constituir sua polivalente *persona* poética. A ideia fundamental subjacente a esta análise é a de que o escritor jornalista, para dar conta da representação de um objeto com características múltiplas e ambivalentes, teve de se constituir como um intérprete multifacetado do mundo dado a sua interpretação.

Para tanto, o livro desdobra-se em duas partes correlatas, nas quais se propõe, na primeira parte, que as “máscaras narrativas” assumidas por Euclides podem ser definidas pelos seguintes termos: “observador itinerante, pintor da natureza, encenador teatral, investigador dialético, refletor dramático e historiador irônico”. Dessa maneira, ele teria constituído sua originalidade por meio da relação íntima estabelecida com seu objeto primordial, isto é, *a terra*, encarada tanto como uma realidade empírica que condiciona a existência humana,

quanto como um tema discursivo sobre o qual se voltaram, ao longo do tempo, diversas tradições de pensamento. Assim, trata-se ali de apresentar, como se faz na segunda parte, a geopoética desenvolvida por Euclides, seja ela voltada para o sertão, seja para a selva.

A figura do "observador itinerante", daquele cujo deslocamento no espaço permite a interação com o objeto observado, é pensada em articulação com a tarefa narrativa, através da qual, mais do que colocar-se à distância da coisa narrada, o narrador assume a instância "intersubjetiva do conhecimento" (MELO E SOUZA 2009, p. 15). Intersubjetiva, pois, na compreensão do autor a terra é, para Euclides, antes de um simples objeto dado à fria análise calculista, exterior a quem analisa, um "sujeito dotado de força vital, como personagem em ação" (MELO E SOUZA 2009, p. 23). Valendo-se da estratégia discursiva de intercalar as pessoas gramaticais, a impessoal terceira pessoa do singular com as duas primeiras pessoas, a do singular e a do plural, Euclides opera um consórcio entre narrador e observador itinerante que rompe com uma perspectiva distanciada de conhecimento: "o narrador representa os valores afetivos, volitivos e cognitivos do observador, mas não se representa". Dessa maneira, o leitor é conduzido pela narrativa, acompanhando o trabalho da observação que foi feita e, assim, sendo capaz de compreender de forma mais plena o drama do objeto representado.

A máscara do "pintor da natureza" correlaciona-se com a do observador itinerante na medida em que é ainda o lugar da viagem que desempenha um papel primordial nesta feição da narrativa. Nesse sentido, Ronaldo de Melo e Souza aponta para a filiação de Euclides ao naturalista e viajante alemão Alexander von Humboldt. Este oferece uma compreensão da tarefa do viajante-observador, articulando os preceitos da ciência com uma formulação poética do objeto, pertinente aos desígnios colocados a si mesmo pelo escritor-engenheiro: "a descrição científica se processa em consonância com uma teoria da arte que preconiza a estetização da ciência, 'uma estética de tratar as ciências naturais'" (MELO E SOUZA 2009, p. 27). Aliado ao apuro na observação, o pintor é aquele que consegue representar a plena dramaticidade da terra, contribuindo para a riqueza da narrativa euclidiana e realizando duas funções específicas: "a primeira consiste no emolduramento da narrativa, em que se encaixam as cenas plasticamente dramáticas. A segunda se traduz na sequência intercalada, mas coesa, das cenas que vão compondo o enredo paulatino e progressivo da tragédia da terra" (MELO E SOUZA 2009, p. 34). Nesse sentido, e amparado por uma tradição considerável de escritores, desde Hesíodo até o naturalista alemão do século XVIII Johann Wilhelm Ritter, a qual estabelece a relação intrínseca entre o homem e a natureza que o envolve, o tão propalado "naturalismo" de Euclides é colocado, pelo autor, em plano diferenciado: não se trataria ali de personificação da natureza, uma vez que esta se constitui como entidade já personificada antes mesmo da representação encetada. Assim, "na geopoética de *Os sertões*, a potência telúrica desempenha o papel de protagonista do drama da vida que se impõe com o máximo vigor, suplantando a inflexão inercial dos poderes eventualmente adversos" (MELO E SOUZA 2009, p. 37).

Junto com o observador e o pintor, a narrativa de Euclides da Cunha constitui outra máscara importante: o “encenador teatral”. Neste caso, os fatos narrados são assumidos como peças importantes de um enredo um tanto mais vasto que situa os elementos da natureza, aí compreendido o próprio homem como personagens e figurantes que se relacionam de maneira recíproca. Contudo, antes de um mecanicismo que opõe em lados distintos os pares antagônicos da disputa no sertão baiano, a todo momento se opera na narrativa a ambivalência entre vencedores e vencidos, dotando a cena trágica de um vitalismo que se aproxima fortemente à dimensão telúrica que Euclides confere a sua poética.

A quarta máscara é a do “investigador dialético”, ou seja, daquele que apresenta um argumento imponente a respeito dos aspectos definidores do processo histórico brasileiro, no caso, “a complexidade do problema etnológico e religioso” (MELO E SOUZA 2009, p. 51). Neste capítulo, o argumento se funda na impossibilidade de uma abordagem puramente cartesiana para o objeto de representação escolhido por Euclides, uma vez que se faz necessário “um diálogo intertextual com outros discursos” e uma abordagem desarmada por parte do intérprete, isto é, sem esquemas conceituais *a priori*. Nas palavras do autor, “na perspectiva do narrador que se põe a caminho para adquirir conhecimento, ver não significa projetar o esquema conceptual de um ponto de vista prefixado, mas ser afetado pela complexidade do que se vê” (MELO E SOUZA 2009, p. 51). Daí a dimensão dialética do investigador: uma posição “multiperspectivada”, onde, inclusive, há lugar para ambivalências e contradições, e a consciência do papel participativo do observador na cena narrada, afinal, “o observado depende da instância do observador” (MELO E SOUZA 2009, p. 58). Dessa maneira, o autor defende que não há um lugar único de onde Euclides da Cunha lançava seu olhar e que tampouco estabelece sua narrativa de um ponto em particular: o narrador euclidiano é sempre um narrador em movimento, alterando máscaras a todo momento de modo a tornar inteligível e, no limite, representável seu objeto.

Com isso, além das quatro máscaras já mencionadas, há ainda duas outras: a do “refletor dramático”, aquele capaz de assumir plenamente a dimensão de dramaticidade dos acontecimentos em Canudos e, a partir daí, propiciar a reconciliação do homem com seu meio. Assim, “na condição de refletor da experiência afetiva, cognitiva e volitiva do ser humano, o artista euclidiano representa o vínculo nupcial em que homem e mundo se intimizam” (MELO E SOUZA 2009, p. 72). Dessa maneira, não há na representação de *Os sertões* um descompasso entre o sensível e o inteligível, pois ambos coadunam-se de forma que a experiência humana em sua plenitude seja apreendida.

Por fim, a sexta e última máscara de Euclides é a do “historiador irônico”, daquele cujo intuito primordial é colocar um espelho diante da própria sociedade, mostrando sua própria face e questionando os preconceitos com que ela manifesta sua relação com este outro que se encontra no próprio seio da nação: o sertão e o sertanejo. Com isso,

na condição de historiador de *Os sertões*, Euclides se revela insincero com o patriotismo farfalhudo da oligarquia travestida de república, precisamente porque se comporta como advogado de defesa dos supostos monarquistas sertanejos. [Assim], a militância participativa do historiador euclidiano se traduz na dissonância irônica da voz que interpela os vencedores e na consonância trágica da voz que se compadece dos vencidos (MELO E SOUZA 2009, p. 87).

Ou seja, diante de uma situação social marcada pela distorção dos valores e diante de uma sociedade caracterizada pela fragilidade da organização política, a história deve ser percebida pelo seu viés irônico, que a situa antes próxima do discurso ficcional do que na análise científica. Ronaldes de Melo e Souza é claro em sua posição: "a estrutura pressupositiva do historiador euclidiano se reporta à arte da ficção narrativa, e não à ciência histórica" (MELO E SOUZA 2009, p. 84).

Portando estas seis máscaras narrativas, Euclides da Cunha se torna o inventor de uma "poética da terra", tema tratado na segunda parte do livro voltada justamente para a chamada "geopoética euclidiana". Considerando a dimensão "personativa" da narrativa de Euclides, o autor sugere que ele estabelece uma relação de aproximação com a terra, convertida em objeto primordial da sua poética seja quando se trata da ignota terra do sertão baiano, seja a porção desprovida de história da Amazônia. A partir desta relação telúrica, Ronaldes de Melo e Souza questiona as aproximações ao viés naturalista de *Os sertões*, defendendo sem meias palavras que "a narrativa euclidiana nada tem a ver com o naturalismo" (MELO E SOUZA 2009, p. 110). Seu argumento ampara-se no que acredita ser menos uma abordagem determinista do meio do que uma perspectiva em que a terra é encarada como entidade orgânica em quase simbiose com o narrador que procura desvendar e representar seus mistérios.

Assim encarada, a interpretação de Euclides converte-se em uma poética pois, segundo a análise do livro, o eixo primordial da sua representação, na fronteira sempre ambivalente entre arte e ciência, é o discurso ficcional. Coerente com o objeto que se mostra fluido e inapreensível pelas grades de um discurso puramente objetivante, o escritor-engenheiro encontrou na singularidade de sua prosa, marcada pelo movimento narrativo constante e pelas inúmeras máscaras assumidas a forma ideal para dar conta da complexidade de seu objeto.

Adotado, em última análise, o critério do foco narrativo em movimento contínuo, que consideramos o traço específico do discurso ficcional, a narrativa euclidiana do sertão e da selva não somente se credencia como obra de ficção, mas também como *opus magnum* da narrativa ficcional brasileira (MELO E SOUZA 2009, p. 115).

Eis a dimensão da "revolução" desencadeada por Euclides da Cunha, situando-o em posição de destaque não apenas no contexto tropical como na literatura mundial em escala mais ampla.

A geopoética de Euclides da Cunha substancia-se na correlação do aporte telúrico de sua narrativa, marcado pelo potencial imagético e dramático de sua prosa, com as considerações de natureza teórica a respeito do trânsito entre arte e ciência que se encontram espalhadas em diversos textos que constituem

sua obra. Para Melo e Souza, boa parte do entendimento formado pelo escritor fluminense a respeito da atividade intelectual encontra-se no contato mantido com autores de tradição germânica, notadamente situados no movimento romântico encabeçado, entre outros, por Johann Wolfgang von Goethe e a chamada escola de Jena. Teria sido tal tradição que ofereceu os aspectos mais fundamentais da compreensão euclidiana da terra, além da sua maneira bastante particular de perceber o “consórcio da ciência e da arte”.

Além do romantismo alemão, outras tradições também alimentaram a escrita euclidiana. Contrapondo-se ao primado cartesiano da razão matemática, a postura de Euclides da Cunha estaria, segundo o livro, em consonância também com a mitopoética da “ciência nova” de Giambattista Vico. Em argumento no mínimo polêmico, Ronaldo defende que foi por meio da “fantasia filosófica de Vico”, através da qual Euclides pôde perceber o aspecto central da poética da terra como “fonte primeva de todas as manifestações culturais e literárias das antigas civilizações”, que ele encontrou os meios para se “contrapor aos valores artísticos e científicos dominantes em seu tempo” (MELO E SOUZA 2009, p. 148). Tal contraposição, inclusive, faz dele, ao mesmo tempo, um “denunciador do divórcio da ciência e da arte” e, como já salientado, um “adepto da escola romântica alemã”, uma vez que sua forma de encarar o mundo baseia-se antes na conjunção entre “sensível e inteligível”, “alma e corpo”, espírito e natureza” do que na dicotomia supostamente empobrecedora de tais elementos.

Irmanado com a terra, geopoeta do sertão e da selva, Euclides da Cunha situar-se-ia, como um narrador na fronteira entre o “arcaico e o moderno”, mas também entre o cientista e o poeta. Se a mitologia antiga lhe oferece os pressupostos de uma compreensão menos reducionista do meio circundante e dentro do qual o homem age e interage, parte do ideal científico moderno, sobretudo aquele distante da razão cartesiana, deu a ele condições de pensar um procedimento de análise mais em consonância com a complexidade dos objetos do mundo. Dessa maneira, a posição ocupada por Euclides não possui equivalente na cultura de seu contexto. Como salienta Ronaldo de Melo e Souza,

intempestivo no seu tempo, sobretudo por não se filiar ao projeto racionalista da ciência nem ao ideário esteticista das letras, o consórcio euclidiano da ciência e da arte se fundamenta na época anterior à vigência histórica da metafísica e no período goetheano que confutou o paradigma físico-matemático do conhecimento (MELO E SOUZA 2009, p. 194).

Em muitos momentos da leitura do livro, o leitor fica com a impressão de que Euclides da Cunha escreveu *apesar de* seu próprio tempo, como se o contexto das discussões ali engendradas pouco ou nada tivessem contribuído para os contornos de sua obra: suas fontes são sempre externas a ele, seja o romantismo alemão, seja a mitologia antiga, seja a compreensão oferecida por Vico. Se as sugestões intertextuais oferecidas por Ronaldo podem incitar caminhos interessantes de interpretação dos textos euclidianos, ao mesmo tempo correm o risco de encarar um autor descolado do ambiente intelectual que definiu seu campo de possibilidades e também seus interditos. E isso nada

tem a ver com um possível reducionismo ao contexto social, afinal, há tempo se sabe que a noção de contexto é um tanto mais vasta, envolvendo inclusive contextualidades discursivas que transcendem o mero reflexo sociológico.

Além disso, a constância com que pares antitéticos são mobilizados no livro parecem mais confundir do que esclarecer seu leitor. Alguns exemplos ilustram esta sensação:

a propriedade fundamental da unidade polarizada, que preside à gênese e ao desenvolvimento da vida em geral, consiste em dividir o unido e, simultaneamente, unir o dividido. Na divisão originária de um e dois e na união primordial de dois e um, o estatuto vital se compraz em separar, reunindo, e em reunir, separando (MELO E SOUZA 2009, p. 143).
Não há como desfazer a disjunção conjuntiva ou a conjunção disjuntiva de um aquém e de um além horizonte. A visibilidade do aquém repousa na invisibilidade do além. Entre o aquém e o além, o homem, já de si, é o horizonte, o delimitante de um ilimitado inesgotável (MELO E SOUZA 2009, p. 179).

Último exemplo que pode deixar o leitor aturdido: “o microcosmo atômico é uma esfinge em miniatura, que se manifesta na cifra hieroglífica da eurritmia dos contrários” (MELO E SOUZA 2009, p. 198).

Enfim, *A geopoética de Euclides da Cunha* insere-se na tradição de fortuna crítica indicada no início desta resenha, defendendo com vigor uma postura bastante singular. Leituras futuras do livro poderão, certamente, realimentar o debate ali proposto sobre um autor das proporções de Euclides da Cunha.